

péia morre nela mesma, já que ela é “narrativa por si só, dedicada à glória dos homens e mulheres de antanho”.

A seção seguinte destina-se à primeira formulação sistemática da tradição mítica dos gregos, ou seja, à genealogia. Burkert cita Hesíodo (*Teogonia* e *Catálogos*) como referência literária e Paula Philipson, 1936, como referência teórica.

A orientação mais genérica nos mitos, isto é, nos que abordam a formação do mundo, estará na seção seguinte. Autores teóricos citados são Eliade (Ed.) 1964; A. Olerud, 1951; F. Vian, 1952; Stylianos C. Kapsomenos, 1964; R. Merlebach, 1967; Burkert, 1968. As narrativas arroladas são as do velho testamento, as dos egípcios, dos hindus e babilônios e, mais especificamente, as narrativas gregas de Hesíodo, Ferecides de Siros, Anaximandro de Mileto e Platão.

Apos tudo isso, o autor lança o olhar sobre as artes plásticas e em “O desenvolvimento do mundo dos mitos arcaicos” vamos encontrar boas referências para as representações iconográficas do mito.

A seção dez dedica-se à crise do mito grego no final do séc. VI e na seção onze o autor aborda a tragédia como um gênero, que tendo surgido durante os tempos da crise do pensamento mítico, veio a tornar-se a mais poderosa forma poética do mito.

Numa etapa seguinte, Burkert ocupa as últimas seções com a Etrúria, Roma e o *Poeta Doctus*.

Encerra seu assunto com o tema “Cristianismo e Gnosticismo”.

TEREZA VIRGÍNIA RIBEIRO
BARBOSA

Departamento de Letras Clássicas

Faculdade de Letras
Universidade Federal
de Minas Gerais

BENOIT, Hector. *Sócrates. O nascimento da razão negativa*. São Paulo: Moderna, 1996 (Coleção Logos). 159 p.

A Editora Moderna está publicando a “Coleção Logos”. Seu objetivo, ao que parece, é apresentar filósofos clássicos ao público jovem do colegial e dos primeiros anos da graduação. Cada livro contém um estudo introdutório e uma seleção de breves e diversos textos do filósofo, ambos feitos por um professor ou pesquisador especialista no autor estudado. Nessa coleção saiu *Sócrates. O nascimento da razão negativa*, de Hector Benoit, professor de História da Filosofia Antiga na Unicamp e fundador e diretor do CPA (Centro de Estudos e Documentação do Pensamento Antigo).

Esse livro, com uma linguagem clara e simples e com uma abordagem que suscita interesse pelo assunto e prende a atenção do leitor, mostra como a pesquisa acadêmica e a divulgação científica podem aliar-se de modo fecundo e produtivo. Sem faltar ao objetivo a que se destina e ao espírito da divulgação, esse livro apresenta uma leitura original e instigante, senão desafiadora, da figura enigmática de Sócrates, com base nos textos clássicos de seus contemporâneos Aristófanes, Xenofonte e Platão, e dos doxógrafos posteriores, Diógenes Laércio e Aulo Gélcio, entre outros.

A originalidade dessa leitura de Sócrates, proposta por Benoit, reside principalmente no uso que faz do conceito de negatividade e na solução dada ao intrincado problema da historicidade do Sócrates platônico. Benoit recorre amplamente ao conceito de negatividade para realçar importantes traços do retrato tradicional de Sócrates e para determinar enfim o que seriam os limites do método e do pensamento socráticos, – com o que se justifica plenamente o subtítulo *O nascimento da razão negativa*.

Por meio desse traço da negatividade, são ressaltados e unificados o apreço em que Sócrates tem o trabalho artesanal – sendo ele próprio um artesão, filho de artesão –, o valor que ele reconhece no treinamento físico, o sentido que vê no esforço intelectual em busca de definições e de conceituações, e a altiva independência que mantém diante dos preconceitos comuns e do consenso vulgar. Assim, em Sócrates, um mesmo traço – a negatividade – vincula entre ele e a sua origem na classe trabalhadora o seu amor aos exercícios gímnicos e sua valorização da prestatância física, sua severa disciplina do corpo e dos desejos corporais, seu gosto por tomar trabalhos manuais como paradigmas teóricos, seu empenho infatigável na busca da definição conceitual, o seu método singular de investigação que abusa da ironia e o mais das vezes não escapa da aporia (isto é, do impasse).

Fica então claro como os retratos de Sócrates feitos por Aristófanes, Xenofonte e Platão, embora diversos e até mesmo antitéticos, convergem e concordam em seus traços essenciais. Com perspicácia e clareza, Benoit mostra como e por que o “inimigo” Aristófanes e os discípulos Xenofonte e Platão estão de acordo no reconhecimento da negatividade e da originalidade de Sócrates, ainda que tomem posições entre si opostas diante dele.

Outra grande novidade deste livro é sua contribuição à abordagem dos problemas correlatos da historicidade do Sócrates descrito nos *Diálogos* platônicos e da distinção entre o que nessa descrição é propriamente socrático e o que é apenas criação platônica. Taylor, em seu clássico *Plato, the man and his work*, aposta na integral verdade histórica e biográfica do que se lê sobre Sócrates nos *Diálogos*, mas em muitos pontos fica reduzido ao argumento de que não se pode provar que não seja assim. Longe da temeridade dessa solução radical, Benoit trabalha com o “conceito de Sócrates”,

que ele entende como “a superação da multiplicidade de imagens que se criaram da figura de Sócrates (o moralista, o sábio, o charlatão, o corruptor da juventude, etc.)” (p. 36). Esse “Sócrates conceitual” lhe permite trabalhar com a temporalidade dramática dos *Diálogos*, reconhecendo na elaboração platônica uma realidade conceitual que se constitui ao termo do processo dialético como o escopo mesmo desse processo.

O terceiro capítulo, intitulado “O conceito de Sócrates ou o Sócrates de Platão”, reconstrói o sentido da evolução intelectual e espiritual de Sócrates, mediante a releitura dos textos que privilegiam a coerência e a temporalidade internas do texto. Podemos distinguir nesse caso entre o método aplicado e o resultado obtido. O método, que de certa forma reatualiza a noção de “tempo lógico” defendida por Victor Goldschmidt na interpretação dos sistemas filosóficos, é fecundo e seu emprego é suscetível de reexames e de novos usos. O resultado que Benoit obtém de sua aplicação, é instigante e desafiador, quiçá polêmico.

Se encararmos com seriedade a proposta de Benoit, poderemos concordar ou não com ela, com seu método e seus resultados, mas podemos estar certos de que através dessa proposta seremos mais uma vez atingidos pela fecundante negatividade do velho sátiro Sócrates e assim seremos forçados a rever nossas próprias convicções a respeito de Sócrates, para mantê-las ou para superá-las.

Uma ágil antologia que fecha esse livro nos fornecerá imediatamente os elementos mais necessários e urgentes dessa inevitável revisão.

JAA TORRANO
Departamento de Letras
Clássicas e Vernáculas
Faculdade de Filosofia, Letras
e Ciências Humanas
Universidade de São Paulo